

À MESA COM MEDEIA – UM RITO DE SANGUE

Francisca Luciana Sousa da Silva¹

RESUMO

Pretendemos analisar, no presente artigo, as relações de poder que perpassam o relato mítico envolvendo a maga da Cólquida em rituais e banquetes de morte. De exílio em exílio, Medeia segue, deixando um rastro de sangue e dor. Primeiro no mar da Cólquida, depois em Creta, Iolcos, Corinto. Recebida, porém temida, ela participa de diferentes banquetes, mantendo, por ocasião destes, velhos rituais.

Palavras-chave: Eurípides; Exílio; Medeia; Mito; Ritual; Poder

ABSTRACT

We intend to analyze the relations of power that take place in the mythic narratives concerning the Cólquida's sorceress when involved in death rites and banquets. From exile to exile, Medea runs, living behind her a trail of blood. First of all, at the Cólquida Sea and, after that, at Crete, Iolcos, Corinth. Admitted, but feared by most, she takes part in many banquets, reinforcing, at these occasions, old rituals.

Key-words: Euripides; Exile; Medea; Myth; Ritual; Power.

¹ Especialista em Estudos Clássicos pela UnB/Archai, mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará com a pesquisa DE EXÍLIO EM EXÍLIO: UM DIÁLOGO ENTRE EURÍPIDES E CLARA DE GÓES. Bolsista CAPES. E-mail: luveredas@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO

Quais seriam as implicações da quebra de uma lei tão cara para os gregos do mundo antigo: a lei da hospitalidade? Que sanções ou punições os deuses e mesmo os mortais reservam para quem a infringe? Para tentar responder essas questões, lanço mão do mito de Medeia, no qual, reiteradas vezes, essa lei é violada, sendo a heroína sua principal mentora. Mas que motivos a bela e sábia Medeia teria para perpetrar ações terríveis, uma delas vitimando o próprio irmão, na fuga da Cólquida?

Buscamos nas *Argonáuticas*, de Apolônio de Rodes, na *IV Pítica*, de Píndaro, entre outros textos clássicos, alguma resposta para atos da mais torpe natureza, razões que possam justificar ou explicar estranhos ritos de sangue.

Entre as respostas contemporâneas, encontramos aquela proposta em *Lembra-te de que sou Medeia (Medea nunc sum)*, de Isabelle Stengers, em cujo prefácio Carlos Henrique Escobar apresenta a seguinte definição para a maga da Cólquida:

Medeia é um grito, uma imagem desenraizada e aérea que atropela, surpreende e paralisa o projeto Grego-Occidental. Ela se quer uma outra coisa (...) que “a mãe grega”, que “a mulher do homem”, que “a mãe dos filhos do homem”. Como Dioniso (em *As bacantes*), ela chega sorradeira até o interior do palácio – e pouco importa como – e, lá de dentro, implode os lugares, os papéis e, sobretudo, as certezas dos “homens”. (2000: 12)

Ela advém de uma linhagem nobre, sendo neta do Sol, pertence à antiga raça dos helíades, como Circe e Pasifae. Ela é filha de uma oceanida, Ídia ou Eydia e Eetes, filho de Hélios, rei da ilha de Ea, na Cólquida. O nome Medeia, “a do bom conselho”, está associado ao culto lunar, sendo, pois, “um título de honra da deusa da Lua” (RINNE, 1988:45). Juntamente com Circe, “a ninfa orgiástica”, “a Senhora dos Animais” (como figura na *Odisséia*) e Hécate, “a velha deusa da morte e do inferno”, Medeia, “a deusa-moça de Ea”, integra a figura triádica da deusa lunar, ainda segundo Olga Rinne em *Medeia. O direito à ira e ao ciúme*. Na *Argonáutica*, porém, o aspecto trifauce está mais relacionado às divindades de culto da personagem Medeia: Ártemis, deusa

virgem (jovem), Hera, deusa do matrimônio (mulher), e Hécate, deusa noctívaga, senhora das encruzilhadas e dos feitiços (velha). A heroína seria, se podemos assim dizer, uma síntese dessas três potências femininas, também relacionadas às fases da Lua: nova, cheia e minguante. Também na *Teogonia*, ela aparece como divindade ctônica (v. 992 s). Mas Apolônio, assim como Eurípedes, trata de humanizá-la, pintando-a com a mesma ambiguidade do termo *phármakon*: “Essa mesma sou eu, que agora perdi minha pátria, e meus pais, e minha casa, e a alegria inteira da vida. (...) um duro destino arrebatou minhas alegrias, e vou errante e maldita, entre estranhos.” (APOLÔNIO, IV, v. 1050 ss).

Da leitura de diferentes episódios, associados à narrativa lendária, que também é mencionada na *Teogonia* (v. 914-962) e n’ *Os trabalhos e os dias* (v. 963-1020), de Hesíodo (séc. VIII a.C.); na *Odisseia* (XIII, 70), de Homero; na *Corinthiaca*, de Eumelo (ambos também do séc. VIII a.C.), depreendemos as relações de poder que perpassam o relato mítico, envolvendo Medeia em rituais e banquetes de morte.

A MAGA DA CÓLQUIDA POR APOLÔNIO DE RODES

Diferente de Hesíodo, que não refere o poder de Medeia enquanto feiticeira, antes a coloca entre as deusas que se uniram a mortais (“A filha do rei Eetes, descendente de Zeus”)², Apolônio de Rodes apresenta os seguintes traços de sua Medeia: “jovem rapariga, conhecedora das técnicas de poções e sacerdotisa de Hécate” (Carreira, 2007: 70). Ela é apresentada ainda como *poliphármakon* (v. 27), tendo recebido os atributos mágicos da própria deusa de quem foi discípula, em seguida, sacerdotisa: Hécate. Corroborando esse traço, o poeta Píndaro, na *Quarta Pítica*, cunha “a imagem definitiva de uma Medeia dotada do dom da profecia, estrangeira versada no conhecimento das drogas (‘pamphármakos xeína’)” (BRUNEL, 2005, 615) Nesse ponto,

² *Os Trabalhos e os Dias*, v. 992

cumpre assinalar a última biografia de Medeia, proposta pelo Prof. Dr. Daniel Ogden, “dentro da ordem sequencial aproximada dos episódios canônicos” (CANDIDO, 2012, 94), que fazem de Medeia uma verdadeira “senhora das serpentes”:

1. Ela fornece a Jasão uma poção de invencibilidade contra os guerreiros de Eetes nascidos da terra a partir do dente do Dragão de Ares, que fora destruído por Cadmus.
2. Ela repousa, ou mata o dragão de Cólquida, que jamais dorme e que guarda o velo de ouro.
3. Ela se utiliza de drogas para evocar dragões fantasmas contra Pélias.
4. Ela reúne serpentes e dragões de todas as espécies (comuns, cósmicos e míticos), a fim de tirar-lhes sua peçonha para elaborar o veneno que queima para o vestido de casamento de Glauce.
5. Depois de ter matado suas crianças, ela escapa de Corinto numa carruagem puxada por um par de dragões.
6. Ela lança a praga de serpentes que afligia a região de Absoris para dentro da tumba de Apsirto, fazendo com que as serpentes permaneçam confinadas lá.
7. Ela visita os Marsi na Itália e lhes ensina como controlar e destruir serpentes, sendo por eles reconhecida como a deusa Angitia.

A sequência proposta pelo professor inglês dialoga com a sinopse de Griffiths (2006, 07), que alude ao mito de Medeia antes de Apolônio de Rodes, destacando o poder de uma mulher em constante exílio:

1. Medeia na Cólquida. Chegada dos Argonautas e roubo do Velo de Ouro;
2. Chegada à Hélade como esposa de Jasão. Em Iolcos, rejuvenesce Éson;
3. Morte de Pélias, causada por Medeia;
4. Fuga de Medeia e Jasão para Corinto. Dá-se, então, o episódio do infanticídio e do homicídio da princesa coríntia;
5. Medeia foge para Atenas, onde é acolhida por Egeu. Aí, tenta matar Teseu;

6. Por último, foge para o Oriente. Depois da morte, recebe morada nos Campos Elísios, onde se casa com Aquiles.

De exílio em exílio, Medeia segue errante, deixando um rastro de sangue, além da imensa dor gerada naqueles que a tudo assistem e nada podem fazer para contê-la, como ocorre com as filhas de Pélias, as servas de Glauce no palácio de Corinto, o próprio Jasão. Ela calcula cada ato para alcançar seus objetivos, mesmo hesitando num dado momento, mesmo diante dos poderosos: Eetes (pai e rei da Cólquida), Pélias (tio de Jasão, de quem usurpou o trono de Iolcos), Creonte (pai da rival, Glauce, e governante de Corinto), Egeu (rei de Atenas, com quem contrairá segundas núpcias). Recebida, porém temida, ela participa de diferentes banquetes, mantendo por ocasião destes ou do período de asilo, diferentes rituais.

Assim, no Livro III das *Argonáuticas*, é esboçado o conflito interno transmitido pela personagem em três monólogos que apresentam a caracterização psicológica de Medeia. Se no primeiro e no segundo monólogos ela sente vergonha e terror, no terceiro e último ela tomará uma decisão definitiva³. Se num primeiro momento ela prefere as setas de Ártemis às de Eros e chega a considerar a hipótese do suicídio, em seguida, “renega tudo que a possa impedir de agir (...), assumindo o que fazer” (CARREIRA, 2007, 71): Fora com a minha vergonha, fora com a minha boa reputação, por minha vontade ele regressará para onde lhe aprover. (A. 3, 785-787)

Ao passo que Medeia põe de lado a vergonha e assume a perda, anuncia sua desgraça enquanto mulher, filha e compatriota. Um pesadelo, que precedeu o segundo monólogo e seria fulcral para a obra, por seu caráter premonitório, foi decisivo. Depois de refletir sobre ele, Medeia irá ao templo de Hécate, onde ocorrerá o primeiro encontro com Jasão, e ela, então, lhe pedirá:

³ “(...) depois que sondou em sua mente cada coisa,/ Depositou, mais uma vez, a caixa em seus joelhos/Transformada pelos desígnios de Hera e já não estava mais/Indecisa entre diversas resoluções.” (Arg. 3, 816-819)

Assim, que ninguém me fale de hospitalidade.
Mas tu, quando chegares a lolco, lembra-te de
mim; eu lembrar-me-ei de ti, mesmo contra a
vontade dos meus pais. Que me chegue um
rumor longínquo ou uma ave mensageira,
quando te esqueceres de mim; então, que os
velozes ventos que tudo arrebatam me levem
pelo mar daqui até lolco, para trazer diante dos
teus olhos censuras e te recordar de mim, tu que
escapaste com a minha ajuda. Oxalá, pois, que
eu apareça inesperadamente como hóspede no
seio da tua casa. (3, 1108-1117)

Medeia será a mão vingadora de Hera, que anseia por castigar Pélias, o qual não lhe prestava culto. No Livro IV, será narrada a fuga e a consequente revelação da fuga, quando também se revelará o lado mais obscuro de Medeia. Em fuga com os Argonautas, convence o irmão, Apsirto, que lhes alcança com grande tripulação, de encontrá-la a sós em templo erigido à deusa Ártemis, onde lhe prepara uma emboscada com Jasão. Este fere mortalmente o filho de Eetes e, sob o olhar da Erínia, mutila as extremidades do morto, prosseguindo o ritual dos que cometem crimes de emboscada. Ludibriado pelo discurso enganoso da irmã, Apsirto é atraído para o templo da deusa da caça, convertendo-se, assim, em bode expiatório, um *pharmakós*.

Ao planejar o assassinato do próprio irmão, Absirto, no templo de Ártemis, quebra o laço fraterno, declara sua independência da família e abdica do direito de qualquer proteção dela. É mister que se siga ao ritual de expiação o de purificação. Assim vai ocorrer com Jasão e Medeia no Canto Quarto, v. 700 s, quando os dois se apresentam diante de Circe, tia de Medeia e, tal qual a filha de Eetes, uma *pharmakía* (feiticeira). Cumprido o ritual, a viagem prossegue com novas ameaças; dessa vez, o feitiço das sereias, cujos doces cantos são silenciados pela lira de Orfeu: “E a lira

dominou a voz das donzelas” (v. 900 s). Não há filtro nem fórmula mágica, tampouco hipnose, segundo a *tékhnè* mágica de Medeia. A magia de Orfeu se dá por meio da música.

Na corte do rei Alcínoo, no país dos Feácios, onde são acolhidos, Orfeu tocará na entrada da câmara nupcial, a sagrada caverna de Mácris, que passará a ser chamada “A caverna de Medeia” (v. 1150). Por ocasião das bodas de Jasão e Medeia, o único sangue derramado é o da virgem que se entrega ao amado, ao som da lira do músico da Trácia.

Depois da festa, novos embaraços na viagem de regresso: de um lado, Orfeu suplicante no deserto da Líbia, em favor dos companheiros sedentos e cansados; do outro, no mar de Creta, o derradeiro feitiço de Medeia, cuja face se apresenta cada vez mais sombria. Sozinha, ela derruba o gigante Talos, com cantos, invocações e hipnoses. Ela já não porta um véu branco, mas de cor púrpura. Ferindo-se na única parte vulnerável, o gigante é vencido pela força da feiticeira Medeia. “E seu estranho sangue começa a fluir...” (v. 1650 ss)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não resta dúvida que há um afastamento do ideal de hospitalidade já encontrado em Homero, em função dos “defeitos civilizacionais”, que muitas vezes resultam em confronto. Além da dicotomia homem/mulher, da tipificação do herói, a maior dualidade do poema que serviu de base para esta comunicação se dá entre Pélias e Eetes, o Ocidente e o Oriente, o civilizado e o bárbaro, o cidadão e o estrangeiro. Trata-se de dois mundos simétricos que se opõem, mas que se complementam. Em meio a esse hibridismo de significados, de estruturas e de gêneros, Medeia

“contamina” o mundo de Jasão, que interfere no seu. Medeia, aquela que tudo sacrificou para seguir Jasão até a Grécia.⁴

Não havendo mais lugar para Medeia, ela seguirá em exílio, sobrevivendo junto a velhos e novos mitos, rememorando antigos ritos. Reiterando o objetivo deste artigo, propomos a seguinte síntese para o mito assinalado: fuga – exílio – barbárie: da Cólquida a Iolcos, a Corinto, a Atenas, à Pérsia. No já mencionado poema *As Argonáuticas*, de Apolônio de Rodes (Livro III), Medeia é descrita em crescente transformação: discípula e sacerdotisa de Hécate, *pharmakía* (conhecedora das técnicas de poções e encantamentos), triplamente estrangeira⁵: “por trair a família, perdendo a legitimidade de uma pátria; por nunca permanecer em nenhum outro país; por ser uma mulher que desafia as convenções sociais” (Carreira, 2007:69). Por ocasião da fuga, após assumir o que fazer, mesmo tendo relutado a princípio, considerando, inclusive, a hipótese do suicídio, revelará, no Livro IV do referido poema, seu lado mais obscuro. “Torna-se, definitivamente, numa estrangeira, sem pátria para onde ir.” (op. cit. P. 74) O mito da mãe fleumática, assassina, filicida, como costuma ser lembrada, trata também de uma exclusão fundamental: a recusa de dar, ou reconhecer, ao estrangeiro a cidadania. Trata, por fim, da condição da mulher, do exílio, do esquecimento, do horror.

Mar Negro

Magia negra

Manto de amor e desespero

Tudo em volta é sombra e escuridão

Dor sem fim.

L.S.

⁴ FIALHO, Maria do Céu Grácio Zambujo. “Horizonte histórico de Medeia de Eurípidés”, palestra proferida no Painel 01, em 08/07/2013, no Auditório da Reitoria da UnB, por ocasião do XIX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e I Simpósio Luso-Brasileiro de Estudos Clássicos, “O Futuro do Passado”.

⁵ Píndaro, na *IV Pítica*, também emprega o adjetivo *xeínas*, estrangeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Maria Regina [org.]. **Mulheres na Antiguidade: novas perspectivas e abordagens**. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, Gráfica e Editora DG Ltda., 2012.

_____. **Medeia, mito e magia através dos tempos**. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2010.

_____; GRALHA, Júlio César; BISPO, Cristiano Pinto; PAIVA, José R. (orgs.) **Vida, Morte e Magia no Mundo Antigo**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2008.

CARREIRA, Paula Cristina Ferreira da Costa. **As Argonáuticas de Apolônio de Rodes – A arquitetura de um poema helenístico**. Dissertação de mestrado orientada pela Profa. Dra. Marília Pulquério Futre Pinheiro. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Estudos Clássicos, 2007.

EURÍPIDES. **Medeia**. Edição bilíngue; tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; comentário de Otto Maria Carpeaux – São Paulo: Ed. 34, 2010.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço, introdução e notas de Bernardo Knox. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

MIMOSO-RUIZ, Duarte. “Medeia” In BRUNEL, Pierre [org.]. **Dicionário de mitos literários**. Tradução Carlos Sussekind... [et al.]; prefácio à edição brasileira Nicolau Sevcenko. – 4ª. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

NASCIMENTO, Dulcileide Virginio. **A técnica mágica de Medeia no canto terceiro de Os Argonautas de Apolônio de Rodes**. – Rio de Janeiro, 2007. Tese de Doutorado em Letras Clássicas – UFRJ/ Faculdade de Letras/Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2007.

RINNE, Olga. Medeia. **O direito à ira e ao ciúme**. Tradução Margit Martincic, Daniel Camarinha da Silva. São Paulo: Editora Cultrix, 2011.

SÊNECA. **Medeia**. Tradução do latim, introdução e notas de Ana Alexandra Alves de Sousa. São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: IUC, CECH, 2012.

SILVA, Cristina Isabel Lucas. **Visões do feminino nos epinícios de Píndaro**. Dissertação de Mestrado em Estudos Clássicos – Literatura Grega, orientada pelo Prof. Dr. Frederico Maria Bio Lourenço. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Estudos Clássicos, 2008.

STENGERS, Isabelle. **Lembra-te de que sou Medeia (*Medea nunc sum*)**. Tradução Hortência S. Lencastre. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

Artigo Recebido em: 10 de junho de 2013.

Aprovado em: 10 de janeiro de 2014.

Publicado em: 30 de abril de 2014.